

Horizonte desanuviado

EM entrevista ao GLOBO, publicada no último domingo, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, garante que a fase do freio de arrumação já foi superada: de agora em diante, a economia brasileira vai se reativar gradualmente. E com essa expectativa que o mercado financeiro também trabalha para os próximos meses.

ESSAS projeções não se baseiam apenas no que os economistas chamam, copiando expressão coloquial americana, de *wishful thinking*: raciocínios baseados não na lógica ou nos fatos, mas na esperança. Razões objetivas justificam o prognóstico de conjuntura econômica favorável para o fim deste ano e, mais nitidamente ainda, para o ano que vem.

OS efeitos da desindexação estão pouco a pouco sendo percebidos, a tal ponto que os últimos ajustes de tarifas públicas sequer chegaram a alterar as previsões de queda dos índices de preços. A maioria dos consultores do mercado financeiro aposta numa inflação anual inferior a 20% em 1996, resultado abaixo do número previsto para 1995.

A INFLAÇÃO declinante e a posição das reservas externas possibilitam redução substancial nas taxas de juros — já esboçada — com desafogo para as finanças do próprio setor público, principalmente dos estados e municípios mais endividados. A baixa dos juros, conjugada ao realinhamento de tarifas postais, de telecomunicações, de energia elétrica e dos preços dos combustíveis, neutralizará a outra fonte de desequilíbrio do setor público, localizada nas companhias estatais.

COM isso, o conjunto das finanças públicas deverá sair de uma situação de déficit em 1995 (da ordem de 1% do Produto Interno Bruto) para uma posição superavitária.

AO que tudo indica, 1996 deverá ser mais um ano de investimento do que propriamente de crescimento acelerado. A economia deverá se expandir a um ritmo de 4% ao ano, o que assegura razoável aumento da renda por habitante sem causar pressões inflacionárias ou nova avalanche de importações. Como a taxa de expansão demográfica vem caindo, um ritmo de crescimento econômico da or-

dem de 4% hoje equivaleria a índices de 7% nos anos 70, por exemplo.

OS temores de problemas sérios na agropecuária e da Previdência Social estão se dissipando. As vendas de fertilizantes, um termômetro da safra futura, estão bem acima das expectativas iniciais. A produção de frangos e ovos vai continuar crescendo, podendo chegar a 9% no primeiro semestre de 96: a avicultura é atualmente a grande âncora dos preços dos alimentos da cesta básica. Já no caso da Previdência, em consequência de medidas em vigor desde julho, o desequilíbrio entre receitas e despesas cairá pela metade até meados do ano que vem.

AS reformas em andamento no país certamente tornariam essa conjuntura mais favorável. Tudo depende de o Congresso repetir o apoio dado às mudanças no primeiro semestre. Da parte do Executivo, a melhoria do quadro está condicionada a maior empenho no programa de privatização.